

METODOLOGIAS DE ENSINO PARA CRIANÇAS AUTISTAS: SUPERANDO LIMITAÇÕES EM BUSCA DA INCLUSÃO.

Adriano dos Santos – pmonge13@hotmail.com
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
PROPAAE - Discente Bolsista

Márcia Bispo – marcinhabispo16@gmail.com
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Naiani Silva Pinheiro – nay_10.pinheiro@hotmail.com
CAPES/PIBID – Discente Bolsista
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Tainá Oliveira Santana – tainaoliveira6@hotmail.com
CAPES/PIBID – Discente Bolsista
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Introdução

O presente artigo é fruto de uma proposta de atividade avaliativa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, do componente curricular Educação Especial, ministrada pela professora doutora Thereza Bastos, tendo como objetivo investigar as metodologias de ensino no auxílio dos processos de aprendizagem para crianças autistas.

A formação docente perpassa por varias áreas do conhecimento e a educação especial é extremamente importante no currículo de um futuro educador já que ele terá experiências com diversos alunos em sala de aula, até mesmo alunos com necessidades especiais como os autistas, por exemplo, por isso é preciso conhecer este aluno, sua construção sócio histórica e o mais importante saber métodos de ensino para o ingresso educacional destes alunos.

Ao se falar de autismo, os estudos realizados por Leo Kenner e Hans Asperger foram os primeiros na pesquisa sobre o assunto e puderam identificar também que este transtorno é mais comum em meninos, devido a fatores genéticos, embora não exista um único gene que determina o autismo. Na década de 60 devido à epidemia de rubéola, foram associados os fatores ambientais a crianças autistas, as mulheres que

adquiriam a doença no período de gestação os fetos poderiam nascer com o transtorno, mas outros fatores ambientais também foram associados como o alcoolismo, substâncias abortivas, dentre outros.

Abriu-se caminho para outros estudiosos que focaram em analisar de forma mais sistemática o autismo, percebendo problemas psicológicos em todos os indivíduos que apresentam o diagnóstico de autismo, deterioração da interação social com os outros, comunicação verbal e não verbal e as atividades lúdicas e imaginativas. Essas expressões que são comuns para pessoas sem o transtorno, para pessoas com autismo são difíceis de serem construídas, devido à dificuldade de demonstrar sentimentos.

Por muito tempo o diagnóstico do autismo era relacionado com o nível de emoção das mães, no qual eram chamadas de mães geladeira pelo fato de muitos autistas não demonstrarem emoção, então as mães eram as responsáveis por isso. Era um equívoco, sobre esse diagnóstico Sacks (1995) fala sobre a autista Temple Grandin que vivenciou essa experiência quando criança, a própria Temple fala que ao contrário do que os médicos disseram, sua mãe era muito afetiva e demonstrava suas emoções para ela.

Embora tenha sido detectado na década de 40, o autismo foi ter uma análise mais aprofundada décadas depois.

(...) Mas foi apenas anos 70 que Beate Hermelin e Neil O'Connor e seus colegas em Londres, formados na nova disciplina da psicologia cognitiva, dedicaram-se à estrutura mental do autismo de uma maneira mais sistemática. Seu trabalho (e o de Lorena Wing, em particular) sugere que existe um problema essencial, uma tríade consistente de deficiência, em todos os indivíduos autistas: deterioração da interação social com os outros, da comunicação verbal e não verbal e das atividades lúdicas e imaginativas. (SACKS, 1995, p. 254)

Ao levar a criança autista para a sala de aula, muitos professores não sabem como lidar com esse tipo de criança, desconhecendo os vários tipos desse transtorno. Não é obrigação de o professor saber, pois não existe nenhuma legislação que garanta que ele deve ter uma preparação ou formação para saber lidar com estes alunos na sala de aula. Há apenas a lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e que incentiva os professores a ter uma capacitação para lidar com as crianças autistas.

A presente pesquisa é de cunho qualitativo, em que serão desenvolvidos conceitos, ideias e entendimentos a partir de pesquisas feitas para comprovar algumas teorias no que diz respeito ao autismo. Será utilizada a pesquisa bibliográfica que consistirá no levantamento de dados por diversas fontes.

(...) Do ponto de vista dos procedimentos técnicos (Gil, 1991), pode ser:
Pesquisa Bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. (GIL (1991) *apud* SILVA E MENEZES (2001) p.21).

Esta pesquisa foi constituída a partir de livros, artigos, monografias e relatos de experiências para análises, além das discussões na sala de aula e em reuniões com o grupo e com a orientadora.

Buscaremos responder: Quais metodologias de ensino podem auxiliar o processo de aprendizagem para crianças autistas? Tendo em vista que nem todas as metodologias utilizadas na sala de aula favorecem na aprendizagem destas crianças e que há também um fator que impossibilita o uso destas metodologias que é a falta de preparação do professor para atuar numa sala com alunos com deficiência.

Sendo assim, cientes desses desafios e dos questionamentos do professor acerca do que fazer no cotidiano da sala de aula, nos propomos trazer uma reflexão sobre as metodologias de ensino pra crianças autistas. Deixando claro que o nosso objetivo não é trazer receitas prontas a ser seguidas, ao contrário, o sucesso do ensino e aprendizagem se dará mediante a contínua observação e experimentação cuidadosa, levando em conta suas particularidades. Ou seja, essas metodologias “devem atender à natureza única de cada pessoa com autismo e criar condições que permitam a expressão máxima das capacidades individuais” (Santo e Coelho, 2006, p. 7).

1- Um olhar sobre o autismo.

Autismo segundo o mini Aurélio (2001.p.76) é um fenômeno patológico caracterizado pelo desligamento da realidade exterior e criação mental de um mundo autônomo. Mas para o Ministério Público de São Paulo (2011, p.2):

O Autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida.

As causas ainda não estão claramente identificadas, porém já se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino e independente da etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica.

O autismo surge na década de 40 diagnosticado pelos psiquiatras Leo Kanner e Hans Asperger, sendo investigados por cada um deles, grupos diferentes de crianças, as quais apresentavam sintomas bastante diferenciados.

Kanner estudou um grupo de crianças retardadas mentais¹, estas apresentavam convulsões e sintomas neurológicos (movimentos repetitivos, tiques, balanços, giros, brincadeira com os dedos, problema com coordenação e equilíbrio, distúrbios linguísticos, dentre outros.), ele acreditava também que o autismo era desenvolvido em crianças que eram geradas por mães com comportamento frio, áspero (mãe geladeira), e por anos acusou as mães de serem culpadas pelo desenvolvimento da doença nas crianças, um fator biológico o qual foi revertido na década de 60, quando estudos apontaram que o autismo é uma doença genética, sendo esta heterogênea, certos momentos dominante e outros recessivo, podendo ser consequências de problemas metabólicos ou mecânicos.

Asperger por sua vez examinou crianças com menos problemas neurológicos, que se comportam de forma normal, crianças conhecidas pelo auto desempenho, a qual ficou denominada como a síndrome de Asperger, com características bem diferentes do autismo clássico, com comportamentos e ações menos agressivas.

As características na pessoa autista varia de acordo com o transtorno detectado, a síndrome do espectro do autismo segundo a AIA (Associação para a Inclusão e Ação ao Autismo) do município de Braga², é uma série de perturbações do desenvolvimento da criança caracterizadas por um conjunto de sintomas e provocadas por um problema a nível neurológico, ocasionando a falta de habilidades sociais no qual a pessoa deixa de

¹Apresenta atrasos no desenvolvimento intelectual.

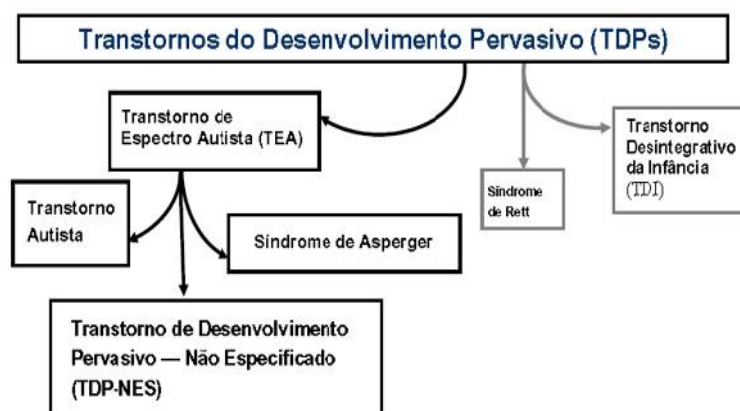
²Situada no estado do Rio Grande do Sul.

entender o outro, dificuldade da fala verbal e não verbal, uso de movimentos e ações repetitivas. Seus sintomas são identificados antes dos 3 anos de idade e podem melhorar com o passar dos anos e o devido tratamento,

O termo TDP, ou Transtorno de Desenvolvimento Pervasivo, é utilizado para descrever problemas no desenvolvimento de uma criança. Os TDPs são chamados de transtornos de “espectro” porque cada criança apresenta sintomas que diferem em intensidade, variando de leve a bastante grave. (AUTISM CONSORTIUM, 2008, p.01)

Os transtornos autistas são os considerados que atuam em três áreas das habilidades humanas: comunicação, habilidade social e comportamento, no caso dos TDP-NES (Transtornos de Desenvolvimento Pervasivo- Não Específico) e síndrome de Asperger, não apresentam problemas nas três áreas, apresentando problemas específicos que pode ajudar no seu convívio social. Existem também os distúrbios de menos frequência o caso da Síndrome de Rett e Transtorno Desintegrativo da infância (TDI).

A síndrome de Rett diferencia-se dos TEA’S por ser mais comum em meninas e por ser um transtorno de desenvolvimento que inicia no desenvolvimento primário normal e conseqüentemente ocasiona a perda das habilidades motoras, como o torcer das mãos e o crescimento lento. Ela é apresentada em quatro estágios: estagnação precoce, regressão psicomotora, pseudo-estacionário, deterioração motora tardia. O TDI por sua vez, a criança desenvolve-se normalmente até os 3 ou 4 anos, seguido por perdas graves de habilidades. Conforme visto no diagrama abaixo.



Fonte: Diagrama retirado do site: <http://www.autismsupportnetwork.com>

Como o diagrama apresenta o transtorno autista, a Síndrome de Asperger e o transtorno de desenvolvimento pervasivo não especificados, fazem parte do transtorno

de espectro autista, pois apresentam dificuldades nas áreas da comunicação, habilidades sociais e comportamento, podendo apresentar as três dificuldades, ou apenas duas ou uma. Este diagrama serve para diferenciar os transtornos do desenvolvimento Pervasivo.

O Transtorno Autista, a Síndrome de Asperger e o Transtorno de Desenvolvimento Pervasivo não especificados, fazem parte do transtorno do espectro autista, pois apresentam dificuldades nas áreas da comunicação, habilidades sociais e comportamento, podendo apresentar as três dificuldades, duas ou apenas uma.

2.1- Estratégias de ensino: novas possibilidades.

A arte de ensinar não é e nunca foi uma tarefa tão simples como muitos pensam. Ao contrário, tal processo exige uma série de habilidades e competências para que o educador consiga diferenciar e articular fatores sociais, individuais, internos e externos, que influenciam o tempo todo no ensino.

Mas se ensinar crianças, adolescentes, jovens e adultos que estão inclusos dentro dos “padrões” já é tão complexo, o que dizer de ensinar crianças especiais com autismo?

Falar no ensino de crianças autistas no contexto educacional brasileiro, de fato ainda é um muito complicado, visto que existe uma série de implicações que não permitem que a palavra inclusão seja literalmente vivenciada na maioria das escolas públicas. Seja por falta de incentivo e investimentos governamentais, seja pela falta de assistência e parceria de todo o corpo pedagógico, seja pela falta de formação do professor ou mesmo pelo conceito de que crianças autistas não aprendem.

Nesse sentido compreendemos a angústia de muitos professores ao receberem a responsabilidade de educar crianças autistas. No entanto, mesmo diante de tantos contrapontos é necessário que o professor busque alternativas que podem ser encontradas através de um bom planejamento, além da construção do Projeto Político Pedagógico que é o principal meio que norteará a escola, já que deve ter a participação do professor na sua elaboração e nesta hora o professor precisa ser ousado como cita Gadotti (1940, p. 03) “o projeto da escola depende, sobretudo da ousadia dos seus agentes”. Portanto, com essas alternativas o professor e a escola estarão não só

pensando no seu aluno mais também dando um passo importante no ensino para crianças autistas, afinal, esse lhe é um direito garantido por lei.

De acordo com o Congresso Nacional, no que diz respeito à educação, a legislação 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante perante o Art. 2º, Parágrafo VII –“o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”. É preciso que estes profissionais busquem essa formação e capacitação, visto que, as crianças autistas devem ser inclusas na escola e para isso os professores devem está preparados para o acolhimento e para o ensino dessas crianças na sala de aula na tentativa de promover a aprendizagem. É um passo importante para conhecer e entender como iniciar um processo de ensino com a criança, entendendo que esta tem direito a uma educação com qualidade, como ainda impõe a lei no que diz respeito ao acesso no Art. 3º, parágrafo IV - que “todo autista tem direito à educação e ao ensino profissionalizante”.

Assim, educar uma criança autista é um grande desafio, mas também um grande privilégio, pois segundo Bereohff “é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional” (1994, p.11).

Deste modo, levando em consideração que as pessoas com autismo têm uma perturbação no Sistema Nervoso que afetam algumas áreas, e conseqüentemente dificulta sua interação social e seu domínio de linguagem e comunicação, as práticas pedagógicas devem ser desenvolvidas respeitando essas limitações, mas ao mesmo tempo incentivando a superação.

Assim, uma boa metodologia deve ser iniciada com a redução do número de alunos por turma, para que o professor possa oferecer a assistência necessária, deve ser criadas também rotinas de trabalho, incluindo a arrumação da sala, a forma de escrever no quadro etc., pois autistas irritam-se com quaisquer mudanças bruscas.

Como no autismo há uma restrição ao domínio da linguagem, mas há também uma percepção visual muito apurada, será necessário que o professor selecione atividades e métodos visuais concretos. Se forem dadas instruções muito longas, o ideal

é que se faça por meio de estímulos visuais e não verbais autistas têm dificuldades em sequências verbais.

Talvez por essa habilidade visual, é que muitos autistas tornam-se bons artistas, desenhistas e programadores de computador. Caso haja um interesse desses alunos por determinados assuntos, seria ideal estimular e trabalhar com coisas de seu interesse na sala de aula.

As crianças autistas por vezes se incomodam com sons altos que lhes deixam perturbadas, por esse motivo é que a voz do professor, a campainha da escola, o arrastar de cadeiras e mesas, o microfone ou qualquer outro tipo de barulho devem ser evitados ou ao menos amenizados. E essa sensibilidade sonora, pode ser aproveitada pelo professor como métodos de ensino, cantar para as crianças pode ser um ótimo meio de efetuar a aprendizagem.

Na alfabetização dessas crianças, caso apresente muitas dificuldades na coordenação motora, pode ser utilizado o auxílio de um computador, pois na maioria das vezes os autistas possuem grande habilidade no manuseio destes.

Estas e outras metodologias são apenas algumas indicações de como proceder no ensino de autistas, no entanto cabe ao professor ter um olhar sensível para perceber o que de fato funciona e pode auxiliar no processo de aprendizagem dessas crianças.

Quanto mais significativo para a criança forem os professores, maiores serão as chances dela promover novas aprendizagens, ou seja, independente da programação estabelecida, ela só ganhará dimensão educativa quando ocorrer uma interação entre o aluno autista e o professor (SCHWARTZMAN E ASSUNÇÃO JUNIOR, 1995).

Sabe-se, portanto que acolher e contribuir com a educação de autistas, não é uma tarefa apenas do educador, no entanto, a figura dele, bem como a relação professor/aluno é imprescindível para o ensino-aprendizagem de qualidade.

Considerações finais:

Diante da pesquisa exposta, pudemos constatar que é de suma importância que as crianças autistas frequentem uma escola o que é um direito garantido pela legislação

12.764, de 27 de dezembro de 2012, visto que, pode ajudar no desenvolvimento além de tentar favorecer a aprendizagem da criança. Esta legislação também garante o incentivo à capacitação dos profissionais para atuar com os autistas, pois é necessário que para estar numa sala de aula com crianças autistas, o profissional deve estar preparado para não só saber agir, como também ensinar. Para isso ele deverá utilizar de metodologias que favoreçam a aprendizagem da criança autista.

As propostas metodológicas de ensino para crianças autistas tendem a variar conforme suas necessidades e transtorno, cada criança precisa de um atendimento diferenciado com metodologias apropriadas a suas necessidades. É certo que o professor deve respeitar suas limitações, mas deve também propor atividades incentivadoras promovendo estímulos e quem sabe, sua superação.

Entendemos que o professor ao ter uma criança autista em sua sala de aula, é preciso que ele tome algumas providências para que ela possa se sentir confortável no ambiente. Em suas aulas, deve sempre pensar na criança autista, refletindo sobre possíveis metodologias que ela consiga compreender, para isso o professor pode utilizar da sensibilidade visual e auditiva que alguns autistas têm e preparar suas aulas de maneira que possa usar essas habilidades, possibilitando a compreensão e a possível aprendizagem da criança.

Compreendemos que o professor não deve apenas se prender às habilidades que estas crianças têm para promover suas aulas, mas também, criar possibilidades de desenvolver outras habilidades e estimular as limitações que a criança autista possui.

Sendo assim, concluímos que é preciso que a escola seja um ambiente inclusivo e propício para o acesso da pessoa autista, é necessário que saibam lidar com a diferença de estágios existentes e utilizar propostas metodológicas de acordo com a necessidade da criança autista. É de suma importância a formação e capacitação de professores para que estes convivam com naturalidade com as divergências dos alunos que encontrará na sala de aula.

Referências:

Autism Consortium. **Informações para Pais de Crianças com Espectro Autista.**
Disponível em: http://www.autismconsortium.org/attachments/PIP_PORT_2013.pdf.
Acessado em: 10/04/2013.

ASSUMPCÃO, F. B. Junior, SCWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil.** São Paulo: Memnon, 1995.

BEREOHFF, Ana Maria P; LEPPAS, Ana Lúcia E FREIRE, Helena Vasconcelos. **Considerações Técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do aluno portador de condutas típicas da síndrome do autismo e de psicoses infanto-juvenis.** Brasília: ASTECA, 1994

BRASIL, Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.**

COELHO, Maria Madalena; SANTO, Antónia Maria Espírito. **Autismo "Perda de contacto com a realidade exterior"**. Castro Verde, 2006

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** 4ª Ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001.

GADOTTI, Moacir. **O projeto Político - Pedagógico da Escola: na perspectiva de uma educação para a cidadania.** Brasília. 1994.

MENEZES, Edna Lúcia da Silva Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e Elaboração de dissertação.** 3ª edição revisada e atualizada Florianópolis 2001.

Ministério Público de São Paulo. **Cartilha: Direitos da Pessoa Autista.** Edepe. 2011

NOVOA, Antônio. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.** In: _____ **Professores: Imagens do Futuro Presente.** Lisboa-Portugal: EDUCA, 2009.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte, Sete Histórias Paradoxais.** Editora Companhia das Letras. São Paulo. 1995.